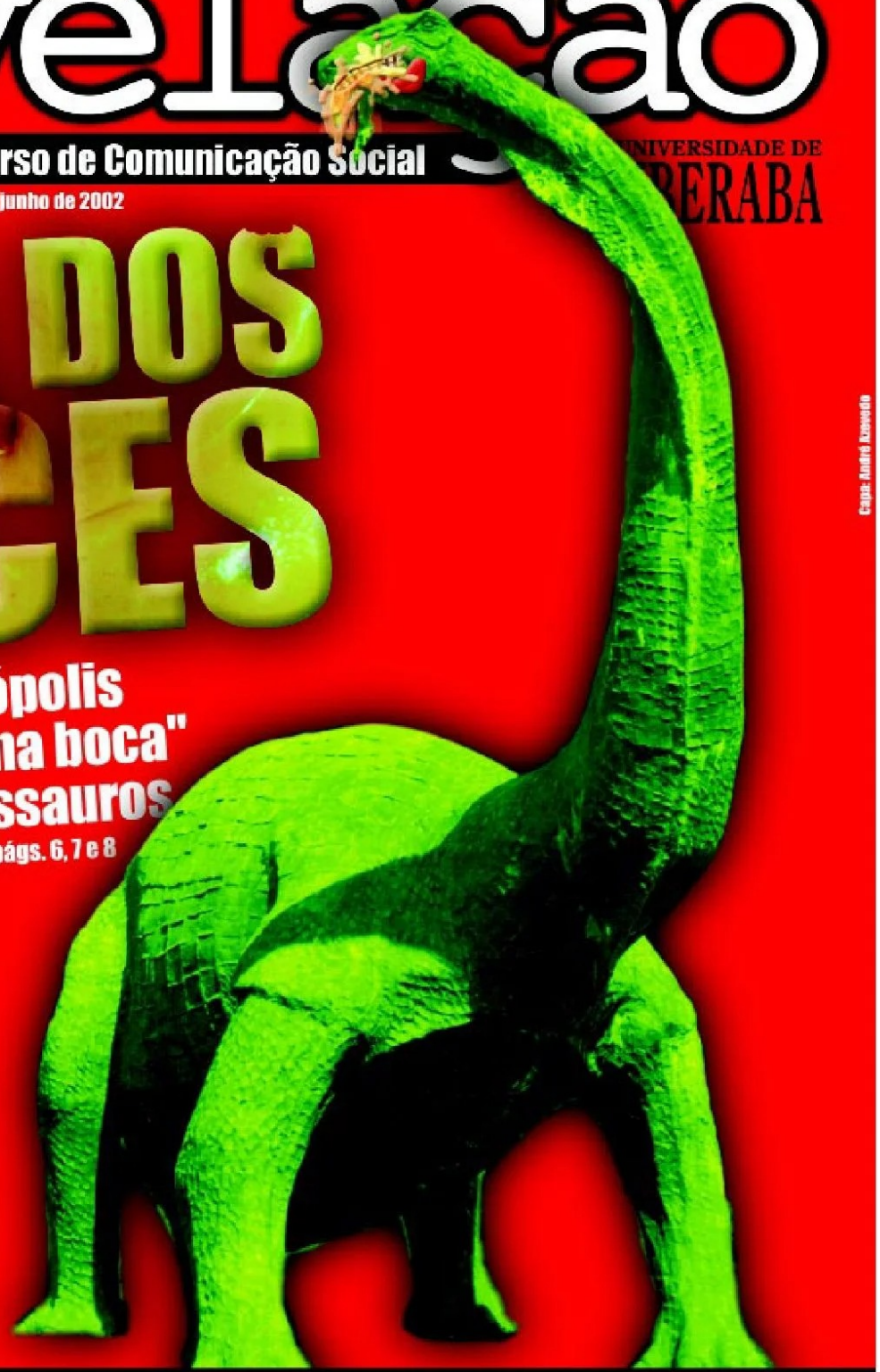
Revelação

Jornal-laboratório do Curso de Comunicação Social

UNIVERSIDADE DE UBERABA

Ano V • nº 211 • Uberaba/MG • de 10 a 16 de junho de 2002

A ERA DOS DOCES



Capa: André Azevedo

Doceiras de Peirópolis fazem "dar água na boca" no sítio dos dinossauros

págs. 6, 7 e 8

Djalma Santos diz que acredita na seleção brasileira

págs. 10 e 11

issuu-downloader.com

Artigo

Fonoaudiologia: curso nota "A"

Profissionais cuidam dos "Distúrbios da Comunicação"

Júneo Reis *

Quando se trata da Fonoaudiologia, podemos dizer que é um curso relativamente novo no âmbito nacional, porém com vasto campo de atuação. A Fonoaudiologia, tal como outras profissões consideradas *nobres*, surgiu e consolidou-se a partir de uma enorme necessidade social ligada principalmente às áreas da saúde e da educação. Essas demandas não eram atendidas de forma específica pelas profissões mais tradicionais, como a medicina, por não estarem dentro do perfil de suas formações e atuações. Embora as primeiras notícias relatadas das práticas fonoaudiológicas tenham sido realizadas entre as décadas de 20 e 40, eram fundamentadas pela medicina preventiva.

A partir dessa importante necessidade, começa na década de 60 a surgir cursos para formar profissionais com o objetivo de atuar no campo dos chamados "Distúrbios da Comunicação". Eis que nasce o "conhecimento fonoaudiológico", e a partir desse, o profissional tão almejado, que terá como objetivo atuar em pesquisas, prevenção, avaliação e terapia, nas áreas da linguagem oral e escrita, voz, motricidade oral e audição, bem como o apefeiçoamento dos padrões de fala e voz.

Já na década de 80, mais precisamente em 9 de dezembro de 1981, é aprovada a lei de nº 6965, possibilitando ao fonoaudiólogo, legais direitos de atuação neste mercado. Desde então, e de maneira formal, o fonoaudiólogo tornou-se responsável pela saúde da comunição, item que vem a ser uma característica diferenciadora do ser humano.

A Fonoaudiologia possui profundo embasamento teórico-tecnico e científico, mantendo uma íntima relação com outras áreas de conhecimento, ampliando os seus horizontes através de uma *interface* com outras ciências, tais como: Lingüística, Psicologia, Psicolingüística, Educação, Biologia, Física, Odontologia, Medicina, entre outros.

Em épocas contemporâneas, a Fonoaudiologia é uma carreira universitária plena, com graduação em nível superior, especializações, mestrado, doutorado e atualmente livre-docentes. Com sua alta produção acadêmica-científica, que pode ser facilmente medida pelo enorme volume de monografias, teses, dissertações, capítulos de livros, livros e publicações em revistas especializadas nacionais e internacionais, tem constituído um campo de saber específico.

A formação do fonoaudiólogo na Universidade de Uberaba contempla não só o aspecto técnico-científico, mas também o enfoque humanístico e social desta atuação

Na Universidade de Uberaba o curso de Fonoaudiologia foi implantado em 1997, e reconhecido pelo MEC no ano de 2000, com o conceito A, tornando se referência nacional.

A formação do fonoaudiólogo na Universidade de Uberaba contempla não só o aspecto técnico-científico, mas também o enfoque humanístico e social desta atuação, capacitando esse profissional a atuar sobre a realidade sócio-economico e cultural da população, enquanto promotor de saúde.

Aluno do 2˚ período de Fonoaudiologia

OMBUDSMAN

O poder e o saber

Newton Luís Mamede

No meio escolar, incluindo o universitário, é comum a associação de poder ou autoridade com cultura ou sabedoria. Ou a relação de causa e efeito entre posição de poder ou de mando e conhecimento ou erudição cultural. Esse poder ou sentimento de autoridade começa, já, na sala de aula, com a simples função de professor, ou seja, de ministrar aulas. O mestre acha-se um *polivalente* cultural e emite conceitos e opiniões sobre qualquer assunto ou tema, muitas vezes sem nenhum fundamento de verdade e de realidade. Mas o fato de ser professor confere-lhe uma espécie de superioridade cultural em relação aos alunos, e ele, então, *deita* cultura e erudição. E, como fala com segurança, é ouvido e seguido pelos discípulos, que vêem nele um sábio. E quantas inverdades ocorrem nesses casos! Até mesmo de conteúdo da própria disciplina ministrada. Quantos conceitos falsos, quantas informações erradas, quantas *heresias*!

A situação se agrava quando o professor assume qualquer cargo de chefia. Se for diretor de escola de ensino fundamental e médio, ele encarna a função e passa imediatamente por uma metamorfose cultural, acreditando que o poder lhe imprime, automaticamente, o dom da sabedoria universal. E, então, o diretor "ensina" português aos demais professores e aos alunos, mesmo que seus conceitos sejam violentas agressões ao vernáculo, ridículas aberrações gramaticais. E se atreve até a "corrigir" frases certas escritas em cartazes ou avisos. Como é o caso de uma diretora de escola pública que reuniu os professores de português e deu-lhes um rápido e ríspido *sermão*, ordenando-lhes que retificassem os cartazes afixados nas paredes, retirando o acento circunflexo da palavra *você*, pois essa palavra "perdeu o acento"... E não adiantaram os protestos dos verdadeiros conhecedores do assunto. A autoridade da diretora *autoensinou-lhe* gramática...

Atualmente, a coisa se complica e acontece em universidades, em empresas de grande porte, em bancos, em repartições públicas. Surge uma dúvida e logo "alguém" sugere que se consulte o chefe, ou o diretor. Ou o patrão. Este, sim, acha-se um legítimo Sócrates... Isto é, consultar o chefe significa elegê-lo um sábio. Ele, então, para se impor, responde com segurança e todos acreditam nele, mesmo que tenha expelido uma asneira.

Há episódios folclóricos, pitorescos, humorísticos sobre esse *fenômeno*. As aberrações culturais praticadas por estudantes, em provas e redações, e divulgadas por todos os meios, principalmente pela *internet* e pelos apresentadores de programas de televisão, podem muito bem rivalizar-se com as cometidas e praticadas por chefes, patrões, diretores, magistrados, ou seja, por quem exerce qualquer forma de poder e de mando. Para citar apenas uma, lembro o gerente de um banco que ensinou a um subordinado *consulente* a pronúncia de uma palavra latina. O "manda-chuva" não sabia nem português, mas arvorou-se em conhecedor do clássico e complexo idioma de Ovídio e de Horácio, de Cícero e de Sêneca, e pronunciou a palavra latina com uma fonética inglesa... Trata-se de sons absolutamente distintos, mas o "sábio" financista *inglesou* o latim e ostentou seu saber emanado da autoridade que ele exercia.

A solidez de conhecimento, a segurança de conceitos, a erudição cultural, o saber intelectual não decorrem de promoções e ascensões momentâneas e efêmeras, mas de árduo, longo e persistente exercício da inteligência na prática diuturna de estudo exaustivo, de verdadeiro cultivo do intelecto. O poder e o saber são distintos e autônomos. E, é claro, a autoridade do saber é incomensuravelmente superior à autoridade do poder. Einstein é infinitamente superior a Hitler.

Newton Luís Mamede é Ombudsman da Universidade de Uberaba

Revelação Jornal-laboratório do curso de Comunicação Social, produzido e editado pelos alunos de Jornalismo e Publicidade & Propaganda da Universidade de Uberaba

Edição: Alunos do curso de Comunicação Social • • • Supervisão de Edição: Celi Camargo (celi.camargo@uniube.br) • • • Projeto gráfico: André Azevedo (andre.azevedo@uniube.br) • • • Diretor do Curso de Comunicação Social: Edvaldo Pereira Lima (edpl@uol.com.br) • • • Coordenadora da habilitação em Jornalismo: Alzira Borges da Silva (alzira.silva@uniube.br) • • • Coordenadora da habilitação em Publicidade e Propaganda: Érika Galvão Hinkle (erika.hinkle@uniube.br) • • • Professores Orientadores: Norah Shallyamar Gamboa Vela (norah.vela@uniube.br), Vicente Higino de Moura (vicente.moura@uniube.br) e Edmundo Heráclito (heraclit@triang.com.br) • • • Técnica do Laboratório de Fotografia: Neuza das Graças da Silva • • • Suporte de Informática: Cláudio Maia Leopoldo (claudio.leopoldo@uniube.br) • • • Reitor: Marcelo Palmério • • • Ombudsman da Universidade de Uberaba: Newton Mamede • • • Jornalista e Assessor de Imprensa: Ricardo Aidar • • • Impressão: Jornal da Manhã • • • Fale conosco: Universidade de Uberaba - Comunicação Social - Bloco L - Av. Nenê Sabino, 1801 - Uberaba/MG - CEP 38055-500 • Tel: (34) 3319-8952 • http:/www.revelacaoonline.uniube.br

As opiniões emitidas em artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores

issuu-downloader.com

Jeca Tatu descaracterizou festa junina

Personagem de Monteiro Lobato é "responsável" pela introdução de calça remendada e botina furada

Júlio César Domingos
2º período de Jornalismo

reprodução

Em algumas regiões a festa junina recebeu adaptações

Antônio Carlos Marques saiu de São Paulo, Capital, aos seis anos de idade. O paulistano veio com toda família para Uberaba onde mora até hoje. Filho de comerciantes, desde de muito cedo mostrou que não tinha jeito para a profissão do pai. Garoto de personalidade e apurado senso de pesquisa preferiu enveredar-se por outros caminhos. Na adolescência descobriu a sua verdadeira vocação através do médico, dentista e historiador aposentado Edelvair Teixeira, que com suas histórias do folclore brasileiro despertou a curiosidade do jovem que posteriormente se tornaria o Assessor de Cultura Popular da cidade de Uberaba e diretor da Fundação Cultural. Antônio Carlos não esconde o orgulho de trabalhar com o folclore e a cultura brasileira. Ao falar das origens das festas do nosso país se exalta, mas se irrita com a descaracterização dos nossos costumes e com a invasão de festas estrangeiras. O professor de literatura e redação, que tem no seu escritório bandeiras dos três clubes do seu coração, Galo, Vasco e Santos, fala sobre as características da festa junina.

Revelação: Qual a origem da festa junina?

Antônio Carlos Marques: Pelo que nós sabemos ela é de origem européia, mais precisamente francesa. Foi trazida e radicada no sul do país mantendo as características européias, e posteriormente espalhou-se para outras regiões brasileiras. Em algumas regiões a festa junina recebia uma adaptação brasileira, como no norte e nordeste; em outras como centro oeste e região sul foram presevadas algumas características, principalmente na coreografia. Alguns nomes que fazem a marcação da quadrilha, como "anavan", "anarriê", são de origem francesa. A gente sabe também que na França eram comuns aqueles vestidos longos e rodadosque ainda predominam no Sul. Já na nossa região, aqui no sudeste, aconteceu uma descaracterização a partir do personagem Jeca Tatu, criado por Monteiro Lobato para ser o garoto propaganda do Biotônico Fontoura, então houve uma descaracterização no figurino das quadrilhas. Aqui o pessoal usa, por exemplo, uma camisa xadrez, calça remendada um sapato ou uma botina furada, fugindo um pouco de suas origens. Essa mudança só aconteceu por causa do personagem do Monteiro Lobato.

Jeca Tatu foi criado por Monteiro Lobato para ser o garoto propaganda do Biotônico Fontoura

Revelação: As escolas contribuíram também para a descaracterização da festa junina?

Marques: Sim, claro. Eu entendo que o pessoal da zona rural quando vai a uma festa usa o melhor traje que tem e não com roupas rasgadas e velhas como foi propagado no comercial idealizado por Monteiro Lobato no personagem Jeca Tatu. As escolas ao invés de corrigir essa falha contribuem na sua continuidade. Sem dúvida alguma é um erro que deveria ser corrigido por nossas escolas para podermos manter nossas tradições sem denegri-las. Essas escolas que deveriam fazer um trabalho para preservar estão contribuindo para descaracterizar essa festa tão bonita e popular que é a festa junina. Os professores deveriam incentivar os alunos a fazerem pesquisas para saberem as verdadeiras origens da festa. Eu já dei palestras em escolas e os professores e diretores até acham ruim quando a gente faz esse tipo de correção, mas essa é a função do historiador, resgatar as nossas tradições como elas realmente são e não como algumas pessoas acha que é.

Os professores deveriam incentivar os alunos a fazerem pesquisas para saberem as verdadeiras origens da festa

Revelação - As comidas das festas juninas também foram adaptadas ao regionalismo brasileiro?

Marques: Houve uma adaptação no Brasil, pois a festa está diretamente ligada ao ciclo do milho. E é por causa desse ciclo que temos nesse período comidas derivadas do milho, como o bolo de fubá, a canjicada, o próprio milho cozido. Temos também o amendoim torrado, muito apreciado pelas pessoas mais idosas que creditam a ele um certo poder afrodisíaco. Mas, as mais populares são essas que eu citei.

Revelação - Existe alguma do município, específica para incentivar a promoção festas juninas?

Marques: Não, não tem. Lembro que até bem pouco tempo havia uma manifestação muito grande dos próprios moradores de determinas ruas de Uberaba que organizavam de forma independente suas festas juninas, às vezes o bairro inteiro se mobilizava, haviam barracas que arrecadavam dinheiro e posteriormente repassavam para entidades assistenciais. Tenho notado que isso tem diminuído em Uberaba, mas sinceramente eu não sei se isso vem acontecendo por falta de verba do poder público Uberabense o que eu sei e pude constatar é que a festa junina em Uberaba já não tem a mesma força e brilho de alguns anos atrás.

Revelação: É verdade que a fundação cultural tem um projeto para arrecadar fundos através das festas juninas para repassar a entidades assistenciais?

Marques: Sim é verdade. Vamos fazer uma reunião com várias casas assistenciais no sentido de fazermos uma grande festa junina, durante dois dias, em uma avenida central de Uberaba, para o povão e toda renda seria revertida para as próprias entidades de assistência social. Nos estamos pensando em criar vários prêmios em dinheiro para a melhor barraca, ou seja a mais ornamentada tipicamente, fazer uma espécie de competição entre várias e premiá-las. Seria uma festa muito interessante, pois além de resgatar a essência da festa junina estaríamos ajudando várias entidades e também integrando e familiarizando a comunidade uberabense com sua cultura que é tão rica.

issuu-downloader.com

Futebol passou por diversas modificações na história

Times já chegaram a ter mais de 400 pessoas

Adriana Amaral
7º período de Jornalismo

Futebol é o assunto do mês. Ninguém fala em outra coisa a não ser na Copa do Mundo. Mas, você sabe como surgiu este esporte? Algumas provas encontradas na Antigüidade por arqueólogos permitiram que eles afirmassem que um jogo de bola já era conhecido há mais de 30 séculos no Egito e na Babilônia.

Existem referências de que, por volta do ano 206 a 220 d.C., um tipo de jogo, chamado *tsu-chu*, era praticado por todo o império chinês. O escritor Yang-tse relata que oito participantes tentavam passar a bola (feita de couro, cheia de cabelo ou crina), através de uma demarcação, que eram duas estacas fixadas no chão e ligadas por um fio de seda.

Existem referências de que, por volta do ano 206 a 220 d.C., um tipo de jogo, chamado *tsu-chu*, era praticado por todo o império chinês

No Japão, um jogo idêntico era praticado com o nome de kemari, o qual era um passa-tempo da realeza. Os romanos usavam uma bexiga de boi como bola. O campo era retangular, com uma linha divisória, devendo as duas equipes lutar pela posse de bola e tentar levá-la até a meta adversária. Os romanos difundiram este jogo, denominado *harpastum*, pelos locais onde passava o seu exército.

Na Idade Média, foi realizado um jogo de bola na Inglaterra. Este pode ter sido o precursor do futebol moderno. Um número ilimitado de participantes, às vezes 400 a 500 de cada lado, corriam atrás de uma bola de couro fabricada pelo sapateiro local, com o mesmo objetivo de hoje. Cada equipe defendia um lado da cidade (norte e sul). Os participantes podiam usar tanto os pés como as mãos. Esses jogos eram muito violentos e sofreram críticas em toda a Inglaterra, principalmente depois que surgiram vítimas.

Futebol moderno

O futebol moderno surgiu no dia 26 de outubro de 1863, através de reuniões dos colégios londrinos, que disputavam entre si. O objetivo era estabelecer regras e criaram a The Football Association (F.A.), o órgão máximo do futebol inglês, que funciona até hoje. Treze normas foram firmadas, em que tornaram o jogo menos violento e proibiram o contato corporal, por exemplo.

Com a aprovação das regras, os torneios foram acontecendo, resultando, em 1883, no primeiro campeonato britânico de futebol. Na opinião de Luiz Antônio Campos, coordenador do curso de Educação Física da **Universidade de Uberaba**, o futebol passou a ser integrante do sistema educacional. "A vontade de vencer poderia formar líderes e heróis", disse.

Em 1902, o holandês Hirschmann enviou uma carta ao inglês Frederick Wall, propondo a criação de um órgão capaz de cuidar do futebol a nível mundial. O inglês não gostou muito, pois poderia comprometer a soberania inglesa dentro desse esporte, mas não foi contrário à iniciativa do holandês.

Assim, em 13 de janeiro de 1904, foi criada a FIFA (Federation International of Football Association), fundada por sete países da Europa, como Suécia, França, Holanda, Dinamarca, Espanha e Suíça. A sede provisória foi instalada em Paris.

O futebol foi introduzido no Brasil pelo paulista Charles Miiller

A primeira Copa do Mundo aconteceu em 1930, no Uruguai. De 1930 a 1998 foram dezesseis copas, realizadas de quatro em quatro anos. Em 1942 e 1946, não foram realizadas em razão da Segunda Guerra Mundial.

Brasil

O futebol foi introduzido no Brasil por Charles Miiller, paulista, nascido em 1874. Ele concluiu seus estudos e foi se especializar na Inglaterra, onde conheceu o futebol e aprendeu a jogá-lo. De volta ao Brasil, organizou e praticou este esporte. Em 1910, parou de jogar, passando a apitar jogos até 1914.

O primeiro órgão paulista para organizar futebol foi criado em 1901, pelos clubes pioneiros. Um ano depois, aconteceu o primeiro campeonato oficial brasileiro, com a participação do São Paulo Athletic Club, Sport Club Internacional, Club Atlético Paulistano e Associação Atlética Mackenzie College.

Oscar Cox fez o mesmo caminho de Miiller. Estudou na Suíça e trouxe uma grande quantidade de material esportivo quando regressou. Organizou as primeiras equipes e disputas no Rio de Janeiro. É um dos fundadores do Fluminense Futebol Clube. O primeiro campeonato carioca foi disputado em 1906, com o Fluminense campeão.

Vicente Higino, professor do curso de Comunicação Social da **Universidade de Uberaba** e afirmou que o esporte evoluiu muito, em relação ao material esportivo e táticas de jogo. Além disso, ele completou dizendo que o futebol deu certo no Brasil por causa da falta de lazer no país, naquela época. "Na Inglaterra, tinham teatro, musicais, e aqui não. Só a elite podia jogar. E a parte mais pobre se dispôs e jogava muito bem. Hoje, acredito muito no Brasil. Não só porque é o único país a participar de todas as copas ou o único a ser tetra, mas porque o time cresce durante a competição. Demos sorte no sorteio e pegamos um grupo fraco para começar o campeonato. Isso vai servir como um treino para os jogadores. Acho que cada fase é um momento e eu acredito muito no nosso país", concluiu.

issuu-downloader.com

Enquete

Você acha importante preservar o patrimônio histórico de Uberaba?

Felipe Augusto
Antônio Marcos
1° período de Jornalismo

Reportagens veiculadas no **Revelação** denunciando o abandono do patrimônio histórico e cultural em Uberaba despertaram maior interesse pela preservação. Veja o que os universitários pensam sobre essa questão

Michelle Marques, Lisa Gonçalves
2º período de Biomedicina
"Deve preservar sim, porque é uma marca da história que as gerações futuras devem conhecer. E além disso a preservação deixa uma marca concreta"

Cleonice Corrêa
3º período de Arquitetura
"Acho que deve ser preservado, pois mantém uma tradição e uma história viva"

Marina Fróes
3º período de Turismo
"Toda cidade tem seu valor histórico, e Uberaba não é diferente. O problema está na falta de interesse – não só do povo, mas também da prefeitura da cidade – em dar ênfase neste aspecto tão importante, onde além de ter uma influência econômica, estaria ressaltando a história da cidade – tão esquecida hoje pelo povo uberabense"

Pollyana Lopes
1º período de Ciências Biológicas
"Acho importante, porque é um patrimônio histórico onde cada tijolo da construção representa um pedaço do nosso passado"

Mona Lisa Bevilacqua,
Laura Machado
5º e 6º período de Farmácia Industrial
"Sim porque é a história que faz parte da vida do povo"

Lílian sousa, Kátia Lemos,
Lorena Sousa, Lisandra Costa
"Acho que Uberaba é muito conhecida e muito visitada, e ainda têm os alunos de fora que podem falar bem daqui em sua cidade. Por isso deve ser preservado"

Laurene Tavares
2º período de fonoaudiologia
"Mantendo esta caracterização, as marcas também são mantidas e podem reconstituir um aspecto social e econômico"

Ubirajara Neto
Professor de Direito Constitucional
Acho que deve se lutar pela preservação real e não fictícia. No sentido que existem leis que obrigam a preservação, mas os representantes do povo não injetam dinheiro e acaba o patrimônio caindo por si só"

issuu-downloader.com

Doceiras

A era do doce em Peirópolis

Há milhões de anos a terra era dos dinossauros. Hoje é dos doces caseiros

captura de tela (imagens: Renê Vieira)

Se doce lembra festa, alegria, sua fabricação não é diferente. As doceiras cantam e brincam enquanto cortam a fruta e mexem o tacho

Wesley Jacinto
7º período de Jornalismo

Quem poderia imaginar que uma pessoa portadora de diabetes teria no doce a sua fonte de vida? Pode parecer antagônico, mas esta é a realidade vivida por dona Idalma Márquez da Silva. Moradora em Peirópolis, distrito de Uberaba, nacionalmente conhecido por ser um dos maiores sítios paleontológicos do país, há seis anos ela organizou um grupo de mulheres para tornar mais lucrativa a atividade que faziam em casa somente para o consumo interno: a produção de doces caseiros. Tendo em vista o turismo crescente na região, elas aproveitaram este filão para escoar a produção e aumentar a fonte de renda. "Fazer doce é a minha vida", garante ela.

Quem poderia imaginar que uma pessoa portadora de diabetes teria no doce a sua fonte de vida?

Assim, com a ajuda de dona Zilda França, que na época era funcionária da Emater, as mulheres se uniram para aprender como aproveitar melhor as frutas existentes na região e como o dom de cada uma poderia reverter em dinheiro. Além de trocarem receitas nos mini-cursos ministrados por Zilda França, elas aprenderam a manipular as frutas visando um melhor aproveitamento e acondicionamento das popas, para que mesmo em período de entressafra a produção não fique prejudicada. Até a apresentação dos doces para o consumidor as doceiras aprenderam. Doces cristalizados, em barra, compotas, além de licores, pimentas e conservas de produtos são fabricados por elas.

O negócio foi ganhando corpo e o grupo de mulheres cada vez mais ia aumentando. As dores nas colunas e nas pernas, provenientes da diabete, para dona Idalma não foram suficientes para barrar a garra e a vonatde de vencer. Além de cuidar dos doces ela é responsável pelos afazeres domésticos e ainda cuida de um vasto pomar onde tem plantado pés de carambola, laranja, goiaba, cidra, limão e acerola cujos frutos se transformam em saborosos doces. Além dessas qualidades, ela e as colegas produzem ainda doces de banana, côco e figo, cujas frutas são compradas na região.

Para facilitar e centralizar as vendas, as doceiras conseguiram montar um ponto denominado de Casinha de doces. O período de férias e feriado é o melhor momento para a comercialização. O grupo de doceiras, que já somam em 13 mulheres, chegam a faturar alto no fim do mês. Como cada doce contém

Hoje os doces são vendidos exclusivamente

no rótulo o nome de cada doceira, a partilha do lucro fica fácil, 5% da renda é destinado à loja e o restante vai para as donas dos doces vendidos. Segundo dona Idalma, ela já chegou a faturar R$ 400 por semana. O dinheiro fica em casa, contribuindo para melhorar a qualidade de vida da família e também investindo na melhoria do empreendimento.

Sonho é uma cozi para profissional o empreendimen o selo de qualida

Idalma conta que comprou um fogão novo e um freezer para congelar as popas e garantir a produção de determinados doces no período de entressafra. Por tudo isso, a família dela trabalha unida. Quando o movimento aperta, filhas e genros vão para a beirada do fogão ajudar. O retorno também é garantido. Com o dinheiro que ganha, Idalma garantiu o carrinho de bebê da netinha, de apenas dois meses de idade. "Ela também vai cair no doce", brinca a vó orgulhoso, não disfarçando a corujice estampada no rosto.

"Eu ainda tô pagando a prestação do meu guarda-roupa, da cama, da mesa e do sofá", conta sorridente. A filha de Idalma, Sheila Messias da Silva, conseguiu concluir o curso de pedagogia com a renda proveniente dos doces. Ela também integra o grupo. O público consumidor é fiel, as doceiras atestam que quem prova dos doces de Peirópolis volta para comprar mais. Assim foi com o senhor Raimundo Pereira da Silva Júnior. Ele trabalha em Ponte Alta e sempre que pode vai à Peirópolis saborear as diversas qualidades de doces. "Os produtos são bem saborosos, de boa qualidade, o preço é bem acessivel e quem passa pelo local quer voltar sempre", destacou.

O sonho

Hoje as doceiras vendem para o mercado de Uberaba. Mas seus produtos vão além das

issuu-downloader.com

para o mercado de Uberaba...

fronteiras levados pelas mãos dos turistas. O sonho delas é conseguir construir uma cozinha comunitária, para que possam profissionalizar ainda mais o empreendimento e conseguir o selo de qualidade. Elas pretendem alcançar o mercado externo, já que a procura de outros estados é grande.

nha comunitária izar ainda mais to e conseguir de

Para alcançarem este objetivo as doceiras sonham em construir a cozinha comunitária, nos moldes exigidos pela Vigilância Sanitária. De acordo com Sheila Messias o grupo poderia ter crescido ainda mais se elas tivessem conseguido o terreno prometido. Ela destacou que a contrução desta cozinha, ou de uma agroindústria seria necessária para a associação trabalhar unida.

O terreno até que foi doado, mas nada de cozinha. Lia Peiró moradora de Peirópolis fez a doação, mas segundo ela o vereador Jão Gilberto Ripposati está com o papel de doação sob o pretesto de elaborar o projeto de construção desta cozinha. "Só que até hoje esse projeto não apareceu", acrescentou.

O vereador Ripposati disse que o projeto foi elaborado, junto a uma equipe de arquitetos e está na mão da Secretaria de Ciência e Tecnologia. Ele informou ainda que está no Ministério da Cultura, em Brasília, a espera de recursos, o projeto chamado "Revitalização de Peirópolis".

A Festa

Se o doce lembra festa, alegria, a sua fabricação entre as doceiras de Peirópolis não é diferente. Durante a lida, elas cantam, brincam enquanto cortam a fruta e mexem o tacho quente. O trabalho consome apenas parte do dia, o que possibilita a algumas mulheres manterem outras atividades profissionais.

A doceira Maria Aparecida Nunes é cantineira da escola pública de Peirópolis. Ela entrou no grupo depois que a casinha de doce foi construida e destacou o apoio obtido por parte das outras doceiras que já estavam no grupo. Ela achava que não iria dar conta de fabricar seus doces. Foi a partir dos cursos oferecidos pelas Emater, que Maria Aparecida se animou.

Solange Maria Corrêa Silva divide o tempo entre a fabricação de doces e as atividades na Fundação Peirópolis. Ela é funcionária pública há dez anos. O dinheiro que obtém vendendo doces e o salário na Fundação reforça a renda familiar.

... mas as doceiras pretendem alcançar outros mercados, já que a procura pelos doces é grande

Vídeo documentário emociona doceiras

Leonardo Boloni

Dona Idalma não esconde a emoção ao ver o vídeo

Margarida Ribeiro
7º período de Jornalismo

Numa noite fria, mas de clima prazeroso, típico de Peirópolis, moradores chegavam ao auditório da Fundação que leva o nome do local, trazendo consigo uma expectativa que era demonstrada na aflição e no burburinho da conversa em tom baixo entre uma pessoa e outra. Uns chegava a pé, outros de bicicleta; traziam cachorro, crianças, enfim, era uma noite diferente para a pacata população do local, mas preservando o caráter familiar que impera entre os moradores.

A reunião era para apresentar um vídeo-documentário intitulado "O doce e a fera", produzido pelos alunos do sétimo período de jornalismo da Universidade de Uberaba, sobre as doceiras de Peirópolis. O ambiente se assemelhava a um cinema dos anos antigos, como demonstram os filmes de época. O local era bem simples, mas aconchegante. As pessoas se acomodavam nas cadeiras distribuídas na grande sala, tendo em sua frente os objetos que julgamos ser os protagonistas da noite: a televisão e o vídeo. No rosto de cada pessoa podia-se contemplar uma expectativa, que se revestia de alegria e orgulho pelas senhoras doceiras prestes a aparecer na telinha.

"O doce e a fera" mostra as facetas das senhoras que dividem seu tempo com os compromissos familiares, trabalhos e a atividade que a tornaram conhecidas como habilidosas doceiras de Peirópolis. Entre sorrisos e lágrimas, elas demonstravam felicidade ao se verem no vídeo. Porém, a alegria maior foi por motivos superiores a este. Para as obstinadas doceiras o documentário significa, incentivo e credibilidade no que elas fazem. É o que declara Solange Maria Corrêa Silva. "Estou emocionada, é uma oportunidade muito boa que vocês deram pra gente, e a gente sente mais valorizada e com mais vontade de trabalhar", declarou.

As doceiras falam como se este trabalho fosse uma porta de saída do anonimato para o maior reconhecimento de suas atividades. "Depois de ter assistido a fita, vimos o valor do trabalho da gente. a gente começa a dar valor a si próprio, ver que isso pode ir além do que vimos hoje. Achei muito bom ter colocado as dificuldade que temos e ouvir o que os responsáveis tem a dizer" comenta Sheila Messias da Silva.

Idalma, outra exímia doceira, disse que espera com este vídeo, adquirir a cozinha comunitária, e conseqüentemente aumentar a produção dos doces. O mesmo é pronunciado por Maria Aparecida Nunes, que além de doceira trabalha na escola da comunidade. O brilho nos seus olhos misturado com as lágrimas, falavam de esperança, de vontade de vencer os obstáculos, e apostar num futuro promissor. Suas expressões confessavam naquele salão que elas acreditam que a organização e a luta transformam realidades, e que o sonho de ampliar a comercialização que tanto almejam, não é algo inviável, mas possível.

Essas senhoras dão o exemplo, que a construção de uma sociedade alternativa em detrimento da atual conjuntura, dá-se com a organização e com a consciência de que, podemos ocupar uma posição melhor na sociedade. O desenvolvimento é direito de todos, não se limita apenas a quem tiveram grandes oportunidades, mas também àqueles que estão dispostos a trabalhar para que a realidade seja mais branda.

issuu-downloader.com

Bastidores

Documentário mostra a força de um grupo de mulheres

Repercussão pode fortalecer a luta pela cozinha comunitária

captura de tela (imagens: Renê Vieira)

Para algumas mulheres, o dinheiro da venda dos doces é toda a renda do mês

Adriana Amaral
7º período de Jornalismo

A idéia de fazer um vídeo mostrando a força e o poder de politização de um grupo de mulheres que deixaram de ser meramente donas de casa para trilhar no ramo comercial, começou quando a professora da disciplina de Telejornalismo, Simone Bortoliero, resolveu aplicar aos seus alunos uma atividade, para que eles colocassem em prática toda a teoria aprendida. O objetivo, então, era produzirmos um vídeo-documentário. Para isso, precisávamos de um tema. Algo que fosse diferente do que já haviam feito até hoje e que tivesse um efeito especial quando fosse apresentado para a sociedade. Assim, já com a turma dividida em dois grupos, o nosso decidiu fazer sobre as doceiras de Peirópolis. São mulheres que fazem doces caseiros e vendem para os turistas, que visitam o local com o objetivo de conhecer os fósseis de dinossauros descobertos na região.

Com o tema escolhido, fomos até Peirópolis fazer o primeiro contato com a organizadora do grupo, a dona Idalma Márquez. A primeira dúvida que nos vinha a cabeça eram: será que elas vão aceitar a filmagem? Será que vai dar tudo certo? O que elas vão achar da nossa idéia? Aquele local desconhecido nos exigia muita cautela para pisar onde quer que fossemos, pois não era somente um trabalho de faculdade, mas um teste para sabermos se conseguíamos trabalhar em equipe.

Chegando em Peirópolis, após sermos informados onde era a casa de dona Idalma, partimos para o nosso desafio. Enquanto íamos numa pequena estrada de terra, ia subindo um "friozinho" na barriga e a expectativa aumentava. Encontramos, então, a casa e, lá dentro, algumas pessoas: dona Idalma, sua filha Sheila, e a outra filha com o namorado que estavam deitados no sofá, recuperando-se do acidente de moto sofrido no dia anterior.

Logo nos apresentamos para dona Idalma e dissemos o que queríamos ali. Ela nos contou sobre o trabalho das doceiras, as histórias de algumas delas, as frutas que usavam, qual era a renda mensal e quanto gastavam com materiais. Quando colhemos as informações principais, e necessárias, informamos que voltaríamos na próxima semana para começar o trabalho. Marcamos a data e a hora. Ao atravessarmos sua cozinha, ela nos ofereceu um doce de bolinha de queijo que estava dentro de um pote de vidro. "Já que o trabalho é sobre doce, experimentem", disse.

Saboreando aquela delícia que desmanchava e se misturava em nossa saliva, que escorria antes de o colocarmos na boca, saímos matutando o que iríamos fazer a partir de então. Durante a semana pesquisamos sobre Peirópolis, para colocarmos no vídeo uma referência do local. Chegando novamente na casa de dona Idalma, tivemos uma surpresa: todas as mulheres que faziam parte do grupo estavam reunidas e nos esperando. Como nos atrasamos alguns minutos, elas já tinham começado a fazer um doce de goiaba em compota. Aproveitamos a oportunidade para iniciar as filmagens. Ainda estava no começo da receita. Assim, pudemos filmar todo o processo. Enquanto mexiam o doce, a vermelhidão da fruta, embebido numa calda de açúcar, fazia com que nossas bocas, mais uma vez, se enchessem de água. Estávamos quase devorando com os olhos quando as mulheres terminaram e nos ofereceram um pouco daquela maravilha.

> **"Já que o trabalho é sobre doce, experimentem"**

Solange Silva, uma das doceiras que também é funcionária pública disse que este trabalho é um complemento da minha renda mensal. "Mas, para algumas aqui, o dinheiro da venda dos doces é todo o dinheiro do mês", confessou.

Assim se passaram dois meses, e nós visitamos o local seis vezes, conhecendo a fundo o trabalho dessas mulheres e seus sonhos. Entre as aspirações do grupo está a construção de uma cozinha comunitária, pois, hoje, cada uma faz o doce em sua própria casa. O terreno para esta construção foi doado, embora a escritura ainda não esteja na mão do grupo. Na tentativa de ajudar as doceiras a chegar perto da realização desse sonho, tivemos que entrevistar políticos que prometeram ajuda e, que asseguraram que o caso está sendo estudado.

Depois de todas as entrevistas captadas, partimos para a edição do material. A recompensa maior de tudo isto não foi de termos conseguido cumprir a tarefa determinada pela professora, mas sim de ver a satisfação das mulheres que acreditam que de posse do vídeo elas poderão cobrar com mais respaldo à construção da cozinha comunitária.

issuu-downloader.com

Esporte

Paolo Rossi: O algoz de 82

O atacante italiano foi o protagonista da decepção brasileira ao derrotar uma das melhores equipes que atuou na copa

Wagner Fonseca
6º período de Jornalismo

reprodução

A primeira participação do Brasil em mundiais foi no ano de 1930, no Uruguai, justamente na versão inaugural do campeonato. Na década de 30, o futebol era considerado pelo escritor Lima Barreto uma oportunidade de supremacia da elite branca sobre os negros. Fatos do século passado. Não existe mais a discriminação futebolística.

O mundial do Uruguai não foi lá essas coisas para a nação verde-amarela. Já no jogo de estréia os Iugoslavos venceram por 2 a 1. Na partida seguinte, mesmo depois de golear a Bolívia por 4 a 0, a seleção arrumou as malas mais cedo e voltou para casa com a 6ª colocação. Os uruguaios venceram o mundial. Mesmo desclassificado aquele ano foi especial para o atacante Preguinho. Filho do escritor Coelho Neto, ele entrou para a história como autor do primeiro gol brasileiro em Copas do Mundo.

Em 1950, o mundial pós-guerra foi disputado no Brasil. Foi a primeira grande decepção nacional em todas as copas. No último jogo a seleção Uruguaia venceu por 2 a 1 em pleno Maracanã, o episódio foi batizado de "Maracanazo".

Oito anos mais tarde, foi a vez de assumirmos o posto de melhor futebol em todo mundo. A Suécia pôde conhecer jogadores como Didi, Garrincha, Zito, Djalma Santos e Pelé. Na partida final o Brasil venceu os anfitriões por 5 a 2.

A hegemonia brasileira perdurou por muitos anos. Em 62, no Chile, lá estava mais uma vez os jogadores brasileiros comemorando o bicampeonato: Brasil 3 a 1 sobre a Tchecoslováquia. Depois do bi a seleção nacional venceu em 70 no México (na final 4 a 1 sobre a Itália), e em 94 nos Estados Unidos (3 a 2 sobre a Itália nas cobranças de pênaltis, após empate sem gols no tempo normal e na prorrogação).

Foram quatro mundiais inesquecíveis. Mas talvez, um dos melhores momentos do futebol brasileiro foi a copa da Espanha, em 82, copa que o Brasil não venceu. A seleção brasileira tinha naquele ano alguns dos melhores jogadores do mundo. O técnico Telê Santana armou um time que, boa parte da crítica esportiva, considerava o melhor de todos os tempos. Dos jogadores do time-base, dez estavam no Brasil. Apenas o meio-campista Falcão defendia um time estrangeiro (ver quadro). Quem pode acompanhar os jogos pela TV viu uma equipe preparada e séria candidata ao título. Até hoje se fala sobre a seleção de 82.

O jornalista e professor do Curso de Comunicação Social da Universidade de Uberaba, Vicente Higino, era um dos brasileiros que dava como certo o título mundial para o Brasil. Para ele, o time do treinador Telê Santana vinha de uma boa preparação, com craques consagrados e objetivos definidos. "O Telê Santana, o melhor treinador de todos os tempos, deu àquela seleção um conjunto melhor do que se esperava", relembra.

Na rodada das oitavas de final a Argentina prostou-se diante da força brasileira. Era o passaporte para às quartas de final. "Depois da nossa vitória sobre a Argentina, 3 a 1, o povo brasileiro lotou as ruas. A confiança que já existia desde o primeiro jogo aumentou e os torcedores já viam o Brasil campeão na Espanha", conta Higino.

Na partida que levaria o vencedor às semifinais aconteceu outra decepção. Pela frente a fraca Itália; o time era desacreditado até pela imprensa italiana. Na primeira fase jogou um futebol fraco e precisou contar com o apoio do juiz diante da seleção de Camarões. Vicente Higino relata que os italianos, ao saber que jogariam contra os brasileiros, "arrumaram as malas" e já se viam voltando para a Itália.

O que os torcedores brasileiros não esperavam era que um tal Paolo Rossi, marcasse os 3 gols da vitória italiana sobre o Brasil. Foi uma tarde triste para o futebol nacional. O país todo caiu em lágrimas. No final do jogo, Itália 3 a 2.

A grande curiosidade do mundial foi o fato do atacante Paolo Rossi ter sido escalado diante de muitos problemas. O protagonista da decepção brasileira estava em péssima situação com a justiça italiana depois de envolvimento com a loteria esportiva. O artilheiro quase foi cortado da seleção, mas o destino fez dele campeão mundial.

O dia 5 de julho de 1982 foi uma tarde negra para o futebol do Brasil. Se Deus é realmente brasileiro, naquele dia ele devia estar com olhos voltados para a seleção italiana. "O Brasil de 82 foi o melhor time de todos os tempos. Foi uma pena aquela seleção não conquistar o mundial", lamenta Vicente Higino.

Time-base da seleção brasileira de 1982

1- Waldir Perez (São Paulo)
2- Leandro (Flamengo)
3- Oscar (São Paulo)
4- Luizinho (Atlético-MG)
5- Toninho Cerezo (Atlético-MG)
6- Júnior (Flamengo)
7- Falcão (Roma – Itália)
8- Sócrates (Corinthians)
9- Serginho (São Paulo)
10- Zico (Flamengo)
11- Éder (Atlético-MG)

Primeiro jogo
Brasil 2 a 1 URSS

Segundo jogo
Brasil 4 a 1 Escócia

Terceiro jogo
Brasil 4 a 0 Nova Zelândia

Oitavas-de-final
Brasil 3 a 1 Argentina

Quartas-de-final
Brasil 2 a 3 Itália

issuu-downloader.com

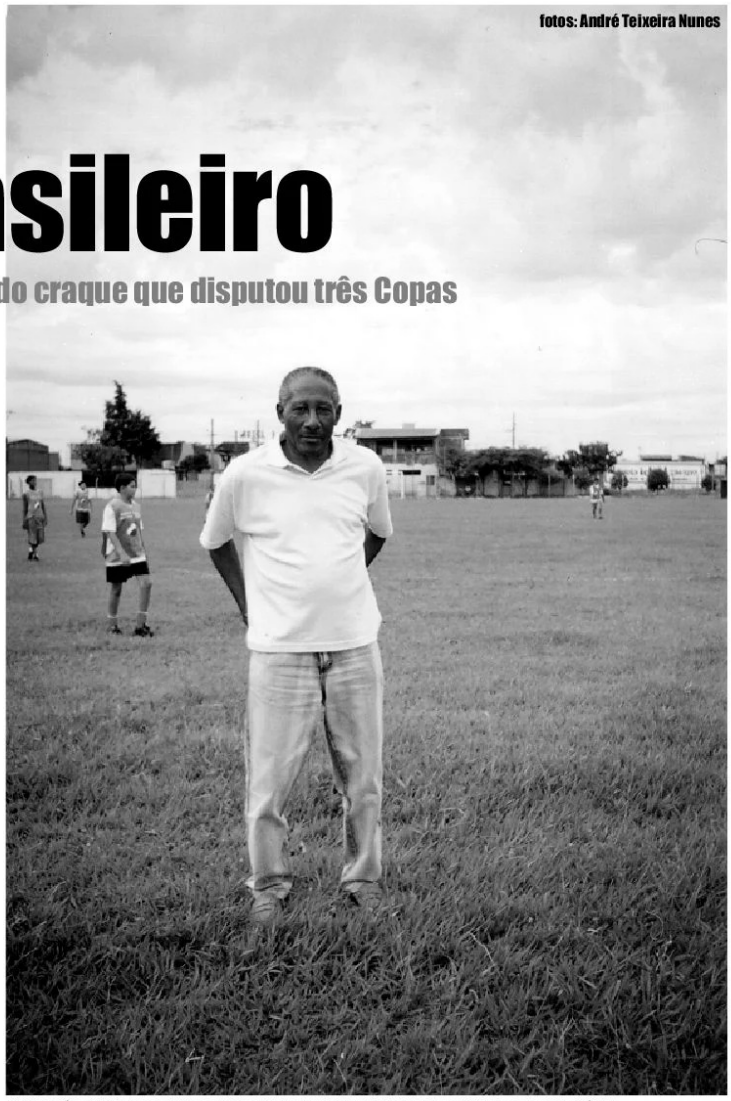
Esporte

Memórias de um bicampeão brasileiro

O Brasil descobriu a potência do lateral direito nos pés do craque que disputou três Copas

André Teixeira Nunes
6º período de Jornalismo

fotos: André Teixeira Nunes



Djalma Santos foi considerado o melhor lateral direito do mundo na copa de 1954

Tudo começou na Portuguesa de Desportos de São Paulo, onde jogou por uma década. Depois, durante dez anos, defendeu as cores e honrou as tradições Palmeirenses. No Atlético Paranaense, permaneceu por mais três anos e meio, onde encerrou a carreira com mais de quarenta anos de idade. Um profissional, um vencedor, um campeão!

Estamos falando de Djalma Santos, um maestro na arte de jogar futebol. Ele era simplesmente, uma muralha. Dono de uma técnica primorosa, muitas vezes enfeitava as jogadas com toques de calcanhar, bicicletas e dribles geniais que desconsertavam os adverssários. Apesar do fisico privilegiado, ele não era violento e nunca foi expulso de uma partida de futebol.

Foi o primeiro jogador do mundo a utilizar o lateral como arma *letal* no ataque

Foi o primeiro jogador do mundo a utilizar o lateral como arma letal no ataque. As bolas chegavam nas áreas adversárias com força e precisão. Disputando a copa de 1954, foi considerado o melhor lateral direito do mundo. Em 1958 foi campeão, e em 1962 foi bicampeão e melhor lateral. Disputou também a copa de 1966. Ídolo em todos os clubes por onde passou, era grande marcador e ainda encontrava fôlego para subir ao ataque, realizando jogadas dígnas de um verdadeiro atacante.

Jogou futebol profissional durante vinte e três anos e meio quando conquistou vários títulos. Dentre eles, o campeonato paulista de 1959, 63 e 66 pelo Palmeiras e o campeonato paranaense, em 1970, pelo Atlético. Considerado um dos melhores laterais direitos do mundo, Djalma Santos, um jogador que era incrivelmente técnico e possuía excelente preparo físico, honrou as nossas tradições no Brasil e também em gramados internacionais, numa época em que o futebol empolgava e era sinônimo de raça, garra e amor.

Com uma carreira invejável, Djalma ainda foi campeão pan-americano em 1952 pela Seleção Brasileira, em 1960 e 1967 foi campeão da Taça Brasil defendendo o Palmeiras e em 1965, campeão do Rio-São Paulo. Pela Portuguesa foi também campeão do Rio-São Paulo em 1952 e 1955.

Com três gols marcados pela Seleção Brasileira, o craque se emociona ao recordar o passado. Defensor dos direitos dos jogadores, sempre lutou e continua lutando pela moralização e organização do futebol e pela profissionalização dos dirigentes.

Para ele, a grande maioria dos dirigentes e treinadores se portam como amadores. "O nosso futebol passa por uma fase difícil, antigamente a gente olhava as equipes do Rio, São Paulo, Minas, Porto Alegre, e via naqueles clubes, quatro cinco jogadores em nível de seleção. Então era difícil até para escolher. Hoje não. Hoje nós temos poucos ídolos", disse.

Atualmente, o craque é coordenador do Projeto "Bem de Rua, Bom de Bola",em Uberaba

Futebol de ontem

A grande maioria insiste em dizer, que nas décadas de 50, 60 e 70, o futebol era mais fácil de se jogar. Djalma Santos discorda. Para ele isso é desculpa pela falta de talentos que temos hoje. "Antigamente era bem mais difícil de jogar do que hoje, porque antigamente você encontrava nas equipes muitos craques, por exemplo o Botafogo tinha um Garrincha, um Nilton Santos, Zagalo, Quarentinha. No Santos você pegava um Pelé, um Coutinho, um Pepe, um Gilmar, um Mauro. Por isso eu penso que hoje é mais fácil devido principalmente a falta de talentos. Mas o nosso futebol piorou mesmo foi a partir da década de 90, pois até a década de 80, nós ainda tínhamos grandes craques, por exemplo, no Atlético Mineiro você pegava um Éder Aleixo, um Reinaldo, Toninho Cerezo, Paulo Izidoro, Luizinho, Nelinho. No Flamengo tinha um Zico, Júnior, Leandro; no São Paulo, um Careca, Muller, Silas, Pita, todos no auge. E nós tínhamos vários outros jogadores como, Renato Gaúcho, Bebeto e Romário, todos em plena forma e por aí vai", concluiu.

Para Djalma, o Brasil trouxe do exterior filosofias que não condizem com as tradições brasileiras

Para Djalma o Brasil trouxe do exterior filosofias que não condizem com as tradições brasileiras. "O Brasil copiou

issuu-downloader.com

André Teixeira Nunes

Projeto Bem de Rrua, bom de bola : "O objetivo é que, se o garoto não for um grande jogador de futebol, que pelo menos seja um grande homem", explica Djalma

o futebol europeu que joga mais no tradicional futebol força, você pega a estatística dos jogos por exemplo, quantas faltas acontecem numa partida? Quantos cartões amarelos e vermelhos? Então tudo isso o Brasil copiou erradamente" lamentou.

Outro problema que afeta e justifica a queda de qualidade do futebol brasileiro, segundo ele, é a falta de laterais direitos no Brasil. "A partir do momento que começaram a inventar essa coisa de ala, que é o lateral, tudo mudou".

A falta de bons treinadores tanto nas categorias de bases como nas de profissionais também foi outro problema apontado pelo craque. Ele cita como um bom exemplo de profissionalismo, a Itália, onde ficou por quatro anos e meio. "Lá, se um garoto fosse expulso, o culpado não seria o garoto, mas sim, o treinador que não soube discipliná-lo", exemplificou.

Djalma lembra que antigamente, os jogadores de futebol, apesar de não ganharem tanto dinheiro, tinham amor pelos clubes que defendiam. "Hoje os jogadores jogam seis meses num clube e beijam a camisa e daqui a pouco estão em outros clubes fazendo a mesma coisa", lamentou.

Apesar de todos esses problemas enfrentados pelo futebol brasileiro, ele acredita no Brasil. "O Brasil tem condições de conquistar o penta campeonato, se o grupo estiver unido durante toda a competição. Teremos grandes chances", concluiu.

"O Brasil tem condições de conquistar o penta campeonato, se o grupo estiver unido durante toda a competição"

Lances mágicos

Muitos insistem em criticar jogadores que em lances mágicos e desconsertantes mostram-se ousados. Para eles, este tipo de jogada é um desrespeito para com o adversário. No entanto, para a grande maioria, inclusive na opinião de Djalma, estes são momentos mágicos do nosso futebol. São lances em que o verdadeiro futebol brasileiro entra em campo.

"O futebol brasileiro sempre foi considerado como futebol arte, de artistas, de grandes astros, então, não é que a gente enfeitava, as coisas, os lances, vinham espontaneamente, naturalmente. Então, a gente fazia estas jogadas sem querer menosprezar ninguém, tanto é que eu joguei vinte e três anos de futebol e nunca fui expulso. Se fosse alguma coisa que desagradasse alguém, obviamente que aconteceria o revide e eu também iria revidar, então são lances que vinham naturalmente, não era só eu, mas também Guarrincha, Pelé. Isso são coisas que hoje nós não vemos, e é justamente isso que o povo gosta de ver", lembrou.

Desde 1971, que o trabalho com os jovens se tornou rotina na vida deste craque

"Bem de Rua, Bom de Bola"

O Mestre Djalma é Coordenador do Projeto "Bem de Rua, Bom de Bola", desenvolvido pela administração municipal de Uberaba. Ele trabalha neste projeto com mais de quatro mil crianças. Desde 1971, que o trabalho com os jovens se tornou rotina na vida deste craque.

A trajetória de Djalma Santos com os garotos, começou com as equipes juvenis. Durante quatro anos e meio, trabalhou com garotos na Itália. Na Arábia Saudita foram quatro meses. "Antes fui treinador do Atlético Paranaense e de um time na Bolívia. Mas eu sempre preferi trabalhar com os jovens, pois eles são mais disciplinados. Há vários garotos que têm a ambição que eu tive também, então eu procuro dar o que eu fiz, ensinar a eles o que eu passei na vida, logicamente que foi uma vida dura como é a destes moleques", lembrou.

No Bem de Rua, Bom de Bola o objeto principal não é só formar futuros craques, conforme explica Djalma Santos. "A mensagem que nós pregamos neste projeto, é a disciplina e o garoto na escola, para que mais tarde, se esse não for um grande jogador de futebol, que pelo menos seja um grande homem", concluiu.

issuu-downloader.com

issuu-downloader.com